Globethics Repository



Um outro modelo de desenvolvimento para a Amazônia [Another model of development for the Amazon]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Magalhaes, Thamiris
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-11 18:41:51
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/159690

Um outro modelo de desenvolvimento para a Amazônia

Para a socióloga Letícia Rangel Tura, existem ações importantes acontecendo no território nacional que precisam ser mais valorizadas

Por Thamiris Magalhães

Na opinião da socióloga Letícia Tura, "na Amazônia já ocorre outro modelo de desenvolvimento de várias iniciativas de populações agroextrativistas, agricultores familiares, quilombolas, que têm resistido no território, nas suas unidades de conservação, na sua terra, pensando em várias propostas alternativas de manejo florestal comunitário, de agroecologia, de gestão do território". A entrevista foi concedida por telefone à **IHU-On-Line**. Para a pesquisadora, o que é preciso é que tais propostas tenham efetivamente o "apoio governamental, recursos públicos, para que elas de fato possam se desenvolver, construir mercados próprios, do ponto de vista do comércio justo". E afirma: "acredito que existem várias experiências que deveriam ser sistematizadas, ampliadas, nessa possibilidade de pensar em outra proposta de desenvolvimento".

Letícia Rangel Tura é socióloga e diretora-executiva do Programa Regional da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como avalia o avanço dos projetos de produção de agrocombustíveis no Brasil?
Letícia Rangel Tura – Os vários programas e políticas de agrocombustíveis no Brasil que vêm desde 2004, 2005, apesar de toda a perspectiva de que fossem baseados na agricultura familiar, na verdade, tornaram-se projetos voltados para a produção da soja. Quer dizer, outra grande parte é sebo de boi e não se conseguiu concretizar efetivamente a proposta de se ter uma produção baseada na agricultura familiar. Por outro lado, grande parte desses projetos é baseada numa relação de integração com a indústria, da agricultura familiar com a indústria, o que limita muito as possibilidades de autonomia e independência da agricultura familiar. Por outro lado, são baseados em monocultivos ou em algum outro tipo. A soja, como falei anteriormente, teve essa perspectiva da mamona, mas não tem como base uma matriz diversificada de óleos, uma matriz industrial diversificada também e pequenas indústrias localizadas, coordenadas por cooperativas. E outras, como o etanol, também trazem grandes impactos ambientais, que são os impactos ambientais e sociais de toda a produção monocultiva. Vários tipos de monocultivos, como soja, cana, eucalipto, trazem vários impactos ambientais para os territórios, desde a contaminação por uso intensivo de agrotóxicos, desmatamento, assoreamento de rios etc.

IHU On-Line – Por que chamá-los agrocombustíveis e não biocombustíveis?
Letícia Rangel Tura – Porque bio traz a noção de vida. E da maneira como eles estão se desenvolvendo, como eles foram concebidos, não poderíamos associar isso à vida, uma vez que eles trazem profundos impactos socioambientais onde ocorrem. Por isso é preferível chamá-los de agrocombustíveis.

IHU On-Line – Quais os impactos do agrocombustível sobre a agricultura e a alimentação?
Letícia Rangel Tura – Os agrocombustíveis podem ter uma concorrência enorme com a produção de alimentos. Se você não tiver um controle sobre a quantidade a ser plantada, eles vão concorrer com as áreas de produção de alimentos. Têm estudos que mostraram que isso aconteceu, por exemplo, em algumas regiões de São Paulo, onde a área de cana se impôs sobre área de produção de feijão, arroz. Mas, afora isso, não é só a quantidade de área produzida para se alcançar determinadas metas, mas também a forma como se produz. Novamente voltamos para a questão do monocultivo. Quer dizer, se você pensa a produção de agrocombustível sem associar à produção de alimentos, aquela vai acabar concorrendo com estes. Acredito que tudo depende de qual é o objetivo inicial que você tem. Quando você planeja inicialmente e seu objetivo está voltado para o desenvolvimento local, para a soberania energética e alimentar da população, você estará voltado para o abastecimento industrial.

IHU On-Line – Acredita que a Amazônia pode oferecer ao Brasil uma chance de romper com o atual modelo de desenvolvimento?
Letícia Rangel Tura – Acredito que na Amazônia já ocorre outro modelo de desenvolvimento a partir de várias iniciativas de populações agroextrativistas, agricultores familiares, quilombolas, que têm resistido no território, nas suas unidades de conservação, na sua terra, pensando em várias propostas alternativas de manejo florestal comunitário, de agroecologia e de gestão do território. O que é preciso é que estas propostas tenham efetivamente o apoio governamental, recursos públicos, para que elas de fato possam se desenvolver, construir mercados próprios, do ponto de vista do comércio justo. Acredito que existem várias experiências que deveriam ser sistematizadas, ampliadas, nessa possibilidade de pensar em outra proposta de desenvolvimento.